

FAMÍLIA MONOPARENTAL FEMININA EM ÂMBITO EDUCACIONAL: PERSPECTIVA DAS FAMÍLIAS E DA ESCOLA

Josiane Peres Gonçalves¹
Naiara Silva dos Santos²

RESUMO: O estudo aborda as novas configurações familiares, mais especificamente os arranjos chefiados por mulheres, e tem como objetivo investigar a presença de crianças provenientes de famílias monoparentais em âmbito escolar, segundo a perspectiva de profissionais da educação e de mães responsáveis por famílias monoparentais. Participaram da pesquisa três representantes de famílias monoparentais, bem como uma gestora e uma professora de uma escola pública de Naviraí/MS. Os resultados evidenciam que o modelo de família monoparental tem sido mais aceito no mundo social, contudo, a escola ainda se encontra atrasada em alguns aspectos referentes à relação família e escola, pois idealiza como mais adequado o modelo de família nuclear. Porém foi dito que os livros didáticos, em sua maioria, abordam a temática inerente aos diferentes modelos de família, contribuindo, assim, para a formação dos alunos, bem como para o respeito em relação às crianças que pertencem aos diversos tipos de arranjos familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Configurações familiares. Família monoparental. Educação escolar.

FEMALE MONOPARENTAL FAMILY IN EDUCATIONAL FRAMEWORK: FAMILY AND SCHOOL PERSPECTIVE

ABSTRACT: The study deals with the new family configurations, more specifically the arrangements headed by women, whose objective is to investigate the presence of children from single-parent families at school, according to the perspective of education professionals and mothers in charge of single-parent families. Three representatives of single-parent families participated in the study, as well as a manager and a teacher from a public school in Naviraí / MS. The results show that the single-parent family model has been more accepted in the social world, however, the school still lags behind in some aspects related to the family and school relationship, since it idealizes the nuclear family model as more appropriate. However, it has also been said that textbooks, for the most part, deal with the inherent themes of different family models, thus contributing to the formation of students, as well as respect for children belonging to various types of family arrangements.

KEYWORDS: Family Settings. Single parent family. Schooling.

1. INTRODUÇÃO

Com a expansão da sociedade, a cultura foi se modificando ao longo do tempo e, conseqüentemente, as famílias também foram se organizando de maneiras diversificadas, resultando em variados tipos de arranjos familiares. Tal temática tem despertado interesse de

¹Pós-doutorado em Educação. Professora. E-mail: josianeperes7@hotmail.com

²Mestranda em Educação. E-mail: naiarasilva11.02.1997@gmail.com

pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, por estar relacionada com a vida de todas as pessoas, ou seja, independentemente do modelo ou da configuração familiar, as pessoas possuem algum tipo de família, embora nem sempre sejam os aspectos consanguíneos que predominam, visto que, em muitas situações, os aspectos afetivos ou sociais é que caracterizam os grupos familiares.

Além do mais, ao se abordar sobre as novas configurações familiares, é necessário considerar que não são somente os aspectos sociais que estão relacionados com essa temática, mas também os históricos, os culturais, os educacionais, entre outros. Assim, entre as diversas possibilidades investigativas, foi feita a opção por priorizar o tema inerente à família monoparental em âmbito educacional, cujo foco se direciona aos arranjos chefiados por mulheres.

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foram pensadas as seguintes indagações para nortear as atividades investigativas: como as escolas se posicionam diante de tantas configurações familiares, especialmente em relação às famílias monoparentais? O que dizem as mães responsáveis por famílias monoparentais sobre esse arranjo familiar e como percebem que as crianças são tratadas na escola?

Para tentar encontrar as possíveis respostas para tais indagações, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de investigar sobre a presença de crianças provenientes de famílias monoparentais nos primeiros anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Naviraí – MS, segundo a perspectiva de profissionais da educação e de mães responsáveis por famílias monoparentais.

Para a realização da pesquisa, o referencial teórico, norteador por autores como Arpini e Cúnico (2014), Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016), Gonçalves e Ternovoe (2017), Machado e Vestena (2017), contempla discussões sobre o conceito de família e as novas configurações familiares, bem como a visão da escola a respeito desses novos arranjos familiares. A pesquisa de campo baseia-se em gravação de entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado, com um total de cinco participantes, sendo três mães responsáveis por famílias monoparentais, além de uma gestora e uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Naviraí.

Espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para ampliar a compreensão sobre as configurações familiares, principalmente o modelo monoparental, por meio da produção de novos conhecimentos, os quais poderão ser úteis para que educadores e a sociedade em geral ampliem o entendimento sobre os novos arranjos familiares, de forma a promover o respeito e evitar a discriminação dos alunos que pertencem aos diferentes modelos de família.

2. CONCEITO DE FAMÍLIA E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Atualmente, existe uma vasta definição do significado do termo família, mas não é possível dizer exatamente o que essa palavra significa, visto que a evolução da sociedade está afetando a instituição familiar e escolar (OLIVEIRA JÚNIOR; FERREIRA; COIMBRA, 2016). Nesse sentido, Vilhena et al. destacam:

A família pode ser pensada sob diferentes aspectos: como unidade doméstica, assegurando as condições materiais necessárias a sobrevivência, como instituição, referência e local de segurança, como formador, divulgador e contestador de um vasto conjunto de valores, imagens e representações, como um conjunto de laços de parentesco, como um grupo de afinidade, com variados graus de convivência e proximidade... e de tantas outras formas. (VILHENA ET AL., 2011, p. 1644).

Também Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016, p. 193) consideram que “Dentre os organismos sociais a família foi o instituto que sofreu mais alterações, tanto na sua compreensão, quanto na sua extensão com as mudanças ocasionadas pelos avanços da sociedade”.

Para Vilhena et al. (2011), é preciso pensar em família como uma instituição que está em constante transformação, e somente ter a mesma carga genética dos ancestrais não significa que a pessoa pertence a uma família, visto que é necessário estar incluído em um grupo familiar, seja ele biológico ou não. Corroborando com tais ideias, Dias (2017, p. 2) analisa que o termo família “[...] prioriza o laço de afetividade que une seus membros, o que ensejou também a reformulação do conceito de filiação que se desprende da verdade biológica e passou a valorar muito mais a realidade afetiva”.

Ao considerar as relações afetivas como fator importante para a vivência familiar e diante das transformações sociais ocorridas, é possível observar que, na atualidade, existem vários tipos de famílias, como: Nucleares, compostas por pai, mãe e seus filhos; Monoparentais, constituídas pelo pai ou mãe com seus filhos; Pluriparental, com mais de duas famílias vivendo debaixo do mesmo teto; Anaparental, quando um membro do grupo não pertencente à família, mas vive na mesma casa; Homossexual, formadas por casais do mesmo sexo; Poliafetiva, homem ou mulher pode ter mais de um(a) esposo(a) ao mesmo tempo etc. (CONCIANI; RODRIGUES, 2014).

No que se refere às famílias monoparentais, objeto de estudo desta proposta de pesquisa, Mello, Camarano e Kanso (2010) sugerem que tem sido cada vez mais frequente a existência desse modelo de família, sendo mais comum as chefiadas por mulheres. Vários são os motivos que resultam nesse tipo de família, podendo destacar: o aumento da união consensual; a expansão do mercado de trabalho, tornando-os mais independentes; casais se separando com mais frequência; adolescentes tornando-se mães e pais solteiros etc. O referido autor também destaca que as famílias monoparentais femininas são mais comuns devido à inserção da mulher no mercado de trabalho ou pelo fato de as mulheres se tornarem mães precocemente.

Também Arpini e Cúnico (2014, p. 39) concordam que o arranjo monoparental feminino é o mais frequente porque muitas vezes a mulher prefere cuidar sozinha de seus filhos, no entanto, esse modelo familiar “[...] não necessariamente são decorrentes de um divórcio ou de uma separação conjugal. Elas podem ser compostas por mulheres solteiras, viúvas ou ainda por mulheres que coabitam com os filhos, parentes e outros agregados”.

O contexto atual é caracterizado pelas inúmeras transformações pelas quais a família tem passado, sendo as famílias monoparentais femininas uma realidade cada vez mais frequente. Como em qualquer configuração familiar, há inúmeros desafios que se apresentam a essas mulheres que são chefes de suas famílias. A dupla jornada de trabalho, a dificuldade em conseguirem empregos melhor remunerados e a falta de apoio do ex-companheiro para partilhar responsabilidades, pode fazer com que as mães sintam-se sobrecarregadas devido ao acúmulo de funções. (ARPINI e CÚNICO, 2014, p. 46).

Trata-se de questões de gênero, uma vez que, historicamente, as mulheres é que se responsabilizaram pelos cuidados e pela educação dos filhos. Porém apesar das dificuldades vivenciadas, muitas dessas mulheres passaram a assumir as diversas funções, sendo as principais responsáveis pela educação e pelo sustento dos membros da família.

Com o crescimento do número de famílias sendo chefiadas por mulheres, diminuiu o estigma de que a mulher é incapaz de suprir o sustento de sua casa, zelar pelos cuidados do lar e da educação dos filhos. Essa é a imagem da mulher do século XXI, polivalente e que vai à busca dos seus ideais, pensando no que é melhor para si e sua família. (GONÇALVES e TERNOVOE, 2017, p. 127).

Se por um lado existe um número elevado de famílias monoparentais femininas, por outro se observa que não há tantos homens sendo responsáveis pela família sem a presença de

uma mulher. É o caso, por exemplo, dos pais solteiros, que, segundo Correia (2010, p. 133), são poucos na sociedade brasileira: “[...] as famílias de pai-só com filhos menores, solteiros e dependentes constituem uma franja muito estreita do quadro de famílias monoparentais e uma ínfima parte da composição das famílias na nossa sociedade”.

Sendo assim, é inquestionável que as famílias estão em constante evolução, desse modo, muitas passam por dificuldades na sociedade e, por consequência, as crianças dessas configurações são as mais afetadas, principalmente na área da educação.

Em seguida, será apresentada a visão da escola sobre as novas tipologias familiares.

3. A ESCOLA E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Apesar de reconhecer que os alunos que frequentam a escola são oriundos dos mais diversos modelos de família, inclusive o monoparental, ainda se percebe que a terminologia e as práticas escolares adotadas não correspondem a essa diversidade. Para Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016), muitas escolas usam o termo “pais-mães” para reuniões e comemorações, mas ao utilizar essas pronúncias, a escola está desconsiderando os últimos avanços ocorridos que originaram as distintas novas organizações familiares.

A escola, ao comemorar o dia dos “pais” ou das “mães”, leva em consideração única e exclusivamente aspectos atrelados ao papel de gênero ou dos fatores biológicos na organização das famílias de seus alunos, estereotipando aquelas que fogem a esse padrão e disseminando um ideário de configuração familiar padronizado. (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 201).

Há, ainda, muitas crenças pessimistas em relação às novas tipologias familiares, como se elas fossem responsáveis pelo fracasso dos alunos, considerando que a escola pressupõe que se a família não é tradicional e sim monoparental, por exemplo, essa família deve trazer alunos desordeiros ou instáveis (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016).

O conceito que a escola apresenta de família na contemporaneidade é retrógrado, o que comprova a necessidade de novos estudos a respeito da relação escola e família, a revisão dos atuais currículos educacionais, bem como a criação de políticas públicas voltadas à formação inicial e continuada de educadores, com enfoque nas atuais composições familiares, identificando suas características e condições evolutivas. (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 202).

Entretanto a escola tem como papel integrar essas novas tipologias familiares, fazendo com que sejam coparticipantes do processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. Além disso, que a escola não apresente nomenclaturas que seriam ditas para famílias nucleares como “pais” ou “mães”, mas que usem termos que generalizam todos os tipos de configuração familiar (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016).

Dessa forma, é possível afirmar que diante das novas tipologias de família, cabe à escola incluí-las, trabalhar no sentido de haver respeito às diferenças, não importando a configuração familiar dos alunos.

As crianças e os adolescentes contemporâneos estão convivendo com diferentes configurações relacionadas às famílias diferentes das tradicionais, compostas pelo pai, mãe e irmãos. Conhecer e compreender as estruturas familiares e suas culturas passou a fazer parte fundamental da trajetória escolar. (MACHADO e VESTENA, 2017, p. 5).

Conhecer a realidade familiar dos alunos é importante para favorecer o processo de interação entre família e escola, visto que ambas são coparticipantes do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016, p. 193) enfatizam que “[...] a escola busca compartilhar a educação de seus alunos com a família, por meio da adoção de políticas de incentivo a participação familiar, pressupondo aquilo que ela quer construir: continuidade cultural e identidade de propósitos entre famílias e escola”.

É possível notar que a família e a escola devem se unir diante de um objetivo maior, que é promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Porém é necessário considerar que a instituição familiar foi a que passou por mais transformações históricas em nossa sociedade e, dessa forma, cabe à escola acompanhar essas mudanças para que o ensino seja mais abrangente e inclusivo.

4. METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo, foi feita a opção pela investigação de natureza qualitativa, tendo em vista que, conforme Dalfovol, Lana e Silveira (2008, p. 11), esse tipo de pesquisa “[...] descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuindo no processo de mudança e possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos”.

Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro semiestruturado como instrumento de pesquisa, previamente elaborado, que serviu de base para a gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa. Segundo Godoy (1995), quando a pesquisa é de natureza descritiva, ela visa “[...] a compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados”. A realização do trabalho de pesquisa seguiu algumas etapas importantes.

Primeira etapa – Inicialmente, foi feito o levantamento dos materiais bibliográficos para realização de estudos que nortearam a fundamentação teórica desta pesquisa, como por exemplo: Arpini e Cúnico (2014); Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016); Gonçalves e Ternovoe (2017); Machado e Vestena (2017); entre outros.

Segunda etapa – Foi selecionada uma escola pública, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de Naviraí/MS, que contava com a presença de alunos cujas configurações familiares eram caracterizadas como monoparentais. Assim, foi feito o contato e então agendado um dia e horário para gravar entrevistas individuais com duas educadoras, sendo elas:

Gestora: Tinha 54 anos, formação em Pedagogia e concursada em Orientação Educacional desde 1993. Há mais de 10 anos vinha atuando como diretora de escolas públicas de Naviraí/ MS.

Professora: Tinha 63 anos, formação em Pedagogia e há mais de 30 anos atuava como docente do Ensino Fundamental. Ela foi escolhida por indicação da diretora, por trabalhar em sua turma com crianças que pertenciam ao modelo de família monoparental feminino.

Terceira etapa – Ao procurar a escola para a realização das entrevistas, a diretora e as professoras indicaram quais eram as genitoras monoparentais presentes no ambiente escolar. Assim, foram escolhidas três representantes de famílias monoparentais, todas femininas, por não ter sido encontrado nenhum modelo masculino. As mulheres entrevistadas foram, neste estudo, identificadas como:

Mãe A: Tinha 39 anos, cursava o primeiro ano de Pedagogia, não trabalhava fora e vivia com auxílio do governo, por seu filho caçula ser deficiente. Morava com seus dois filhos.

Mãe B: Tinha 35 anos, cursou o Ensino Superior em Serviço Social e atuava profissionalmente como assistente social. Morava com seu único filho.

Mãe C: Tinha 38 anos, estudou até o 2º ano do Ensino Médio e não trabalhava fora. Morava com a sua única filha na casa do pai, junto ao seu irmão.

Quarta etapa – Transcrição e organização dos dados coletados com todos os participantes da pesquisa, cujas análises dos resultados foram fundamentadas em autores que abordam a temática estudada.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir das seguintes categorias de análise: visão das mães monoparentais em relação à sua configuração familiar; relação da escola e família na visão das mães monoparentais; e opinião da escola sobre a configuração familiar monoparental.

6. VISÃO DAS MÃES DE FAMÍLIAS MONOPARENTAIS EM RELAÇÃO À SUA CONFIGURAÇÃO FAMILIAR

Na atualidade, a composição familiar tem sido menor em número de pessoas, devido a diversos fatores culturais e, nesse caso, existem mais pessoas vivendo sozinhas ou então famílias que são chefiadas por mulheres e que muitas vezes não contam com uma presença adulta masculina em casa. Dessa forma, indagamos as mães, chefes de famílias monoparentais, o que elas pensavam sobre o modelo da sua família, e obtivemos as seguintes respostas:

Eu sinto que o modelo de minha família falta uma pessoa, a falta de um pai pra eles [filhos]. Que falta um pai, um ser masculino, para ditar as rédeas. (MÃE A).

Eu encaro como normal, como uma família normal, como qualquer outra. (MÃE B).

Eu penso que, assim.... as vezes é complicado porque ela [criança] não tem o pai dela junto com a família. Eu sei que é difícil o filho não estar na presença do pai. Mas eu, graças a Deus, nunca deixei faltar nada para minha filha. (MÃE C).

Como é possível notar, a maioria das mães idealiza o modelo de família nuclear como sendo o ideal, como se assim fosse mais fácil educar os filhos. Além disso, a presença masculina é, muitas vezes, vista como fundamental para algumas das mães responsáveis por famílias monoparentais, por entenderem que o homem representa a autoridade que toda família precisa ter. (ARPINI e CÚNICO, 2014).

Observamos também que a Mãe B afirma que considera sua família como sendo “normal” e, dessa forma, pode-se interpretar que ela não idealiza a família nuclear, pois há diversas configurações familiares espalhadas pela nossa sociedade.

As mulheres participantes da pesquisa, ao serem indagadas sobre as vantagens e as desvantagens em ter o modelo de família monoparental, responderam da seguinte forma:

Mãe A: “As vantagens é que eu cuido do meu jeito. É tudo do meu jeito. Mas as desvantagens são..., a falta paterna. Faz falta para eles, né. Muitas vezes eu tenho que ser pai e mãe ao mesmo tempo e, muitas vezes, a gente não dá conta de tudo isso, né”.

Mãe B: “No meu ponto de vista, não vejo nenhuma vantagem e nem desvantagem. Eu acho que tudo depende do jeito como você encara e quanto você tenta tornar a situação natural e convencional. Então, mesmo ele [filho] não tendo pai em casa, ele tem contato, não só com o pai, mas com toda a família paterna também. Então eu acho que não existem desvantagens”.

Mãe C: “A vantagem é que quando o filho é cuidado com o pai e mãe, é mais fácil, porque o pai e a mãe trabalhando, tudo fica mais fácil. Agora a desvantagem..., quando só está na companhia do pai ou da mãe, já é mais complicado, a responsabilidade é maior, principalmente quando o filho quer as coisas, como roupa, calçado, né”.

Nota-se que a ausência do pai parece dificultar o cuidado em relação aos filhos, pois a responsabilidade é maior. Dessa forma, se houvesse a figura paterna, o sustento da casa seria dividido e a família não passaria por dificuldades. Para Arpini e Cúnico (2014, p. 45), existe a importância de ter o homem/pai na família mesmo quando ele não é o provedor da casa, pois sua presença permanece necessária, uma vez que “[...] ele garante o respeito e representa a autoridade moral familiar”.

A Mãe B em nenhum momento demonstrou que passa por dificuldades e também não se lamentou por possuir um modelo de família monoparental. Nesse aspecto, essa mãe citou uma questão importante referente ao “respeito”, pois, segundo o ponto de vista dela, trata-se da forma pela qual o indivíduo encara a situação que facilita a aceitação. Com o tempo, tudo se torna “natural” e as pessoas passam a ver aquela configuração familiar com normalidade.

No decorrer da entrevista, uma das questões que foi respondida pelas três mães era se elas percebiam alguma dificuldade ou problema pelo fato de serem mulheres responsáveis pela família, mas que se fosse com o sexo oposto, as mesmas situações poderiam não ocorrer. Assim, elas responderam:

Não, para mim é normal. As dificuldades a gente sempre tem, mesmo sendo mulher ou homem. (MÃE A).

Para mim, até o momento, nenhum problema. Meu filho tem 8 anos, não sei, talvez na adolescência dele isso vai fazer alguma diferença, algum dia. Mas nesse exato momento, não existe! (MÃE B).

Na verdade, as dificuldades seriam as mesmas, porque ao mesmo tempo você tem que cuidar e ao mesmo tempo tem que trabalhar. A dificuldade seria a mesma. (MÃE C).

Nesse caso, as chefes de família monoparental não encontram dificuldades em ser mulheres, mas sim em ser as principais provedoras da casa. Por esse motivo, é notável que a mulher que assume a monoparentalidade familiar tende a enfrentar certa dificuldade econômica. Por outro lado, a Mãe B ressalta que, futuramente, o seu filho poderá vir a sentir falta de um representante masculino (pai) em casa, sendo que tal ideia corresponde ao que mencionam Arpini e Cúnico (2014), que os pais ainda exercem um sentido idealizador em relação aos seus filhos.

Os aspectos citados acima remetem à situação de a mulher ser sobrecarregada por ter que cuidar dos filhos sozinha e, dessa forma, foi perguntado para as mães se o pai era presente ou ausente. Elas disseram que “Sim! Todo o tempo ele é presente, eu não posso queixar disso não!” (MÃE A); “Sempre muito presente, muito mesmo!” (MÃE B); “Ausente” (MÃE C). Podemos observar que as duas primeiras mães contam com a participação dos ex-companheiros, principalmente para compartilhar responsabilidades e problemas. Porém a terceira mãe não conta com o pai de sua filha, pois ele é totalmente ausente e, nesse caso, parece aumentar a sensação de estar ainda mais sobrecarregada, conforme destacam Arpini e Cúnico (2014).

A próxima pergunta dizia respeito a como era a relação com seus filhos e se eles aceitavam bem essa organização familiar, caracterizada pela monoparentalidade. As respostas foram as seguintes:

Mãe A: “Sim, aceitam! Mas, muitas vezes, nós aqui, nós três parecemos irmãos, mas na hora de chamar a atenção, eu sou mais rígida”.

Mãe B: “Sim, com certeza! Eu acho que ele aceita e até gosta de passar no meio de semana com a mãe e fim de semana com o pai. Ele parece aceitar bem”.

Mãe C: “Eu e ela nos damos bem, graças a Deus! Agora, como família monoparental, é assim..., aceita. Mas às vezes, sei lá! Vai da cabeça de cada um”.

Aparentemente, as crianças aceitam bem essa configuração familiar. A Mãe A menciona um ponto no qual Arpini e Cúnico (2014, p. 45) analisam que “[...] a ausência do pai pode colaborar para uma mudança na relação entre a mãe e seus filhos, levando a mãe a ser mais rigorosa”.

No caso da Mãe B, o filho tem um bom relacionamento com o pai, pois ele é muito presente. Já com a Mãe C, o pai não tem nenhuma responsabilidade em relação à filha, nesse

caso, “Quando esta figura importante falta, os desdobramentos dessa ausência se fazem sentir também no estado psicológico da mãe e conseqüentemente na sua relação com seus filhos” (ARPINI e CÚNICO, 2014, p. 45).

Além do mais, as mulheres ainda são vistas como as grandes responsáveis pelos trabalhos domésticos e, em especial, pelo cuidado com os filhos. Por esse motivo, as mães ficam sobrecarregadas, alegando que a relação ao emprego com o cuidado e o gerenciamento da casa tornam as tarefas muito árduas (ARPINI e CÚNICO, 2014).

Entretanto existem situações em que as mães sentem falta de ter uma família nuclear, porque ter a figura do pai morando na mesma casa é visto como indispensável para um modelo de família exemplar. Também costuma ocorrer o fato de mulheres que são chefes de família monoparental esperarem que os pais de seus filhos assumam as responsabilidades paternas, mesmo morando em outra casa, de forma a “[...] compartilhar as decisões e atribuições que dizem respeito aos seus filhos, o que lhes deixaria, sem dúvida, menos sobrecarregadas”. (ARPINI e CÚNICO, 2014, p. 46).

7. A RELAÇÃO DA ESCOLA E A FAMÍLIA NAS OPINIÕES DAS MÃES MONOPARENTAIS

A escola e a família são as grandes responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes. Sendo assim, “Ambas com suas dimensões culturais, sociais, históricas e políticas configuram papéis diferenciados, porém cumprindo suas funções específicas” (MACHADO e VESTENA, 2017, p. 5). Em relação a essa temática, perguntamos às mães quais eram suas visões em relação à escola e família. Elas responderam da seguinte forma:

Mãe A: “Muitas vezes a escola deixa a desmerecer, porque eles pensam que a gente não é capaz. Que por ser sozinha, a gente não é capaz de enfrentar as dificuldades e educar a criança [...] Mas a gente é capaz sim, e a escola falha nisso!”.

Mãe B: “São duas peças fundamentais na vida da criança, né. A escola cumpre a parte da alfabetização e também acaba tendo uma parte, talvez não a mais importante, mas a questão da socialização, da educação para vida”.

Mãe C: “Eu acho que a relação da família e a escola é muito importante na vida dos nossos filhos”.

A Mãe B e a Mãe C acreditam que a escola é muito importante para a educação das crianças, portanto, ela deve ajudar os alunos e pais a lidar com a diversidade das configurações

familiares e dar apoio às famílias com novas estratégias de acolhimento. A Mãe A percebe que, muitas vezes, a escola entende que uma mulher sozinha não tem condições de educar bem a criança, mas a referida mãe, que passa por essa experiência, acredita que é possível sim e que a escola está equivocada. Para Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016, p. 201), em diversas situações “[...] os educadores alegam que a família tem estado por trás do sucesso e tem sido culpada pelo fracasso escolar, acusando as famílias pelas dificuldades dos estudantes” (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 201).

Quando indagamos as chefias de família monoparental sobre como a escola lida com essa nova realidade, de conviver com diferentes modelos de família, as mães assim afirmaram:

Eu acho que aceita, mas eu acho que, muitas vezes, eles questionam, né [...] Quer ver se for um menino mal educado, aí já vão falar que é porque ele vive sem pai, né. E nesse momento temos que ter pulso firme. (MÃE A).

[...] meu filho ainda está no 2º ano, tem muita coisa ainda pela frente. Mas já vi que tem algumas aulas que focam nessa questão das diferenças das famílias e nessa organização de família. Eu acho legal eles abordarem isso desde o principio, né. (MÃE B).

Em minha opinião, a escola não tem preconceito, aceita muito bem todos os tipos de família. (MÃE C).

É possível notar que, segundo o relato da Mãe A, a escola até aceita os diferentes modelos de família se a criança não tiver problemas de comportamento ou for bem educada, porque, ao contrário, se a criança tem algum comportamento visto como inadequado, logo se postula que é devido ao fato de não conviver com o pai. “Dessa maneira, as famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas dificuldades escolares” (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 201). Nota-se que o entendimento da escola segue na contramão das políticas educacionais de integração entre família e escola. Para as demais mães, a escola está cumprindo com os seus objetivos, por permitir que crianças e adolescentes compreendam que existem diferentes formas de estruturas e culturas familiares (MACHADO e VESTENA, 2017).

As mães monoparentais foram questionadas se elas ou sua família já vivenciaram algum tipo de preconceito na escola ou na sociedade, por pertencer a esse modelo de família. Elas disseram que “Não! Graças a Deus não!” (MÃE A); “Não! Acredito que não. Nunca percebi! Talvez algumas pessoas pensem, a gente sabe que o preconceito existe, mas nunca deixaram claro, sabe. Para mim não!” (MÃE B); “Não, não sofremos nenhum tipo de preconceito, não!” (MÃE C).

Com base nessas respostas, podemos inferir que a escola e a sociedade têm demonstrado aceitação em relação às famílias monoparentais femininas, tratando-se de um avanço, pois conforme destacam Machado e Vestena (2017, p. 12), “[...] as diferentes configurações familiares [...] muitas vezes divergem de um padrão cultural ‘aceito’, em algumas instituições, e podem ser vistas como ‘problemas’ ou exemplos negativos que se propagam dentro da instituição escolar”.

Observa-se que as opiniões das mães em relação à escola são positivas, por acreditar que a instituição escolar é uma das grandes responsáveis pela educação da criança e contemplar as diferentes formas de configurações familiares. Porém a Mãe A critica o fato de a escola dizer que criança mal-educada é devido ao modelo de família, ou por não ter a presença paterna. Nesse sentido, Machado e Vestena (2017) consideram que pode ocorrer uma falha na relação entre família e escola, devido à percepção dos profissionais da educação de os problemas dos alunos serem consequências da não participação dos familiares ou responsáveis pela criança ou adolescentes na escola.

Todavia quando questionamos se as mães de famílias monoparentais acreditavam que a tipologia familiar pode afetar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança, elas responderam que:

Sim, sabe por quê? Eu no meu modo de pensar é assim, vamos supor: como eu tenho 8 anos separada [...] se um pai não fosse presente, isso sim afetaria a vida dos meus dois filhos. Mas como o pai é presente, isso não afeta nada. Eles [filhos], graças a Deus não são ruins na escola. No começo eu tive bastante dificuldades com eles, mas depois o pai conversou... Hoje eu não vejo que tem. (MÃE A).

O tipo da família eu acredito que não. Tudo depende de como você educa seu filho e quanto você mostra que isso é natural para ele, né. Eu penso que, por exemplo, eu sou mãe né, eu tive o filho durante o casamento e depois nós se divorciamos. Mas eu penso que se eu tivesse um “vitimismo” e às vezes demonstrasse para ele como é ruim a vida de eu cuidar dele sozinha... Mas eu tento mostrar o lado bom: “Olha, você tem dois quatinhos, tem os brinquedos em casa, tem o brinquedos na casa do seu pai, fica a semana com a mamãe e fim de semana vai se divertir na casa do pai”. Então, eu acho que tudo depende de como a família aborda isso e transmite isso com seus filhos, né. (MÃE B).

Eu acho que afeta sim, porque às vezes a gente não sabe os sentimentos das pessoas. A minha filha é uma criança que gosta de guardar as coisas para ela, entendeu? Ela não é uma criança que fica dialogando e falando o que ela sente. (MÃE C).

Por meio da resposta da primeira mãe, pode-se notar a percepção de que quando o pai é presente, fica mais fácil educar, pois ele representa autoridade e respeito para os filhos.

Conseqüentemente, as crianças se comportam melhor na escola e passam a aprender mais. Corroborando com tais ideias, estudos realizados por Arpini e Cúnico (2014, p. 42) apontam que, em muitas situações, “Observa-se que o papel da mulher na família se dá dentro de uma estrutura em que o homem é essencial para a própria concepção do que é família”.

A Mãe B apresentou um ponto que já havia citado anteriormente, de que não é o modelo de sua família que vai influenciar no comportamento ou na aprendizagem da criança, mas sim como essa família lida com essa configuração familiar. Porém a Mãe C acredita que o modelo da família pode sim afetar no desenvolvimento da criança. Para ela, a sua filha pode sofrer preconceito e não relatar para família, ou seja, esse modelo ou configuração familiar pode ter algum aspecto negativo para a criança. Cabe salientar que em alguns momentos durante a realização das entrevistas algumas mães evidenciaram que não possuem o modelo de família tal como gostariam, nesse sentido, Arpini e Cúnico (2014, p. 43) destacam que “[...] não resta dúvida de que a família, embora em configurações diversas, ainda continua sendo reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar”.

Em relação ao papel da escola, é possível afirmar que ela deve se manter atenta às mudanças sociais, a fim de modificar os costumes e construir uma nova cultura escolar, de acordo com a realidade familiar dos seus alunos. Dessa forma, questiona-se: como a escola vem se comunicando e acolhendo as diferentes configurações familiares?

8. OPINIÃO DA GESTORA E DA PROFESSORA SOBRE A CONFIGURAÇÃO FAMILIAR MONOPARENTAL

Tendo em vista que, segundo Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016, p. 193), a “[...] família é a instituição basilar da sociedade sendo, desde os tempos antigos, considerada um elemento de grande importância na estrutura social”, a escola deve compartilhar a educação de seus alunos com a família, por meio da adoção de políticas de incentivo à participação familiar. Sendo assim, perguntamos para a professora e a gestora o que elas pensam sobre os novos modelos de família que existem na atualidade. Obtivemos as seguintes respostas:

É muito relativo, né. Tem situações que acaba sendo triste, porque o ideal..., ou o que todo o ser humano idealiza, e a própria formação cultural nos transmite, é que toda criança deve ter constituída um pai e uma mãe, né. Mas hoje a gente sabe que está cada vez mais comum, as famílias estarem separadas ou as crianças serem criadas só pelo pai, ou só pela mãe, ou às vezes nem pelo pai e nem mãe biológica [...] Mas, na escola isso é relativo. Às vezes você percebe que crianças só criadas pelo pai ou mãe, que não dão problema

nenhum, já tem outros casos que apresentam alguma dificuldade [...] Em um dado momento da vida, essa criança vai perceber a falta ou a ausência dessa parte da família que não convive no dia a dia com elas. (GESTORA).

Eu respeito. Talvez em alguns pontos eu não concorde, mas eu respeito, cada um com as suas diferenças. (PROFESSORA).

Segundo o ponto de vista da Gestora, a monoparentalidade é uma configuração familiar “triste”, pois toda criança tem o direito de ter “um pai e uma mãe”. Sendo assim, podemos observar que a escola acaba por desconsiderar as mudanças ocorridas nas últimas décadas e acaba adotando um modelo idealizado de família. Porém a Gestora também acredita, assim como Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016), que não é a configuração familiar que interfere no comportamento do aluno, e sim a relação que predomina nesse arranjo familiar.

A Professora também não concorda com essa configuração familiar, ou seja, a monoparental, por valorizar o modelo tradicional, mas diz que respeita as diferenças. Resta saber se, em algumas situações, não deixa transparecer algum tipo de preconceito em relação aos diferentes modelos de família existentes na escola.

As duas educadoras foram indagadas se os novos modelos de família interferem no trabalho realizado na escola, e elas disseram que:

Às vezes sim e às vezes não! Por exemplo, eu tenho casos aqui, mais com filhos com mães só, então essa mãe tenta suprir todas aquelas necessidades da criança e além de dar [bens materiais] também dá uma boa educação [...] Mas existem outros casos que não, a mãe quer suprir tanto aquela falta do pai, que ela acaba super protegendo a criança, né. Aí a criança na escola não consegue dividir, não consegue obedecer, porque as vezes a mãe passa muito a mão na cabeça e então acaba que interfere na alfabetização, na educação escolar dessa criança. (GESTORA).

Muitas vezes sim né, pelo fato às vezes a criança ter dois pais ou duas mães, né. Então sempre interfere um pouco, quando os amigos sabem, né. (PROFESSORA).

Novamente a Gestora revela que é a relação afetiva da família que influencia no comportamento da criança. Porém, de certa forma, ela culpa a mãe que é “super” protetora como sendo a grande responsável pelo fracasso escolar de seus filhos. Dessa forma, percebe-se que as escolas ainda “[...] possuem crenças pessimistas sobre as novas configurações familiares, que aliadas a outros aspectos, são caracterizadas, por esses profissionais, como desorganizadas, desviantes e instáveis” (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 201).

Embora a pesquisa seja sobre famílias monoparentais, a Professora fez uma crítica acerca do modelo familiar homoparental, ao mencionar o fato de “a criança ter dois pais ou

duas mães”, evidenciando a dificuldade em aceitar as novas configurações de família existentes na atualidade. Tal fato indica que se faz necessário a escola repensar sua postura para acolher bem a todos os alunos, independentemente da sua configuração familiar.

Posteriormente, a Gestora e a Professora responderam se já presenciaram algum caso no recreio, no pátio ou em sala da aula de alguma criança ser alvo de gozação por não ter pai ou mãe. As respostas foram similares:

Gestora: “Ultimamente não! Mas já aconteceram casos lá atrás, bem lá atrás... Hoje em dia já não se observa mais”.

Professora: “Esse ano não, mas em anos anteriores já tive caso de aluno tirar sarro do outro, ou falar de sua família”.

Os relatos das educadoras indicam que, na atualidade, as novas configurações familiares já estão sendo mais aceitas, principalmente a monoparental feminina, pois trata-se de um arranjo familiar mais antigo e, assim, a sociedade não critica tanto. Por outro lado, as famílias homoafetivas são alvos de muitas críticas e não aceitações, evidenciando que, por mais que haja aceitação em relação ao modelo de família monoparental, “[...] é possível apontar que o conceito que a escola apresenta de família na contemporaneidade é retrógrado” (OLIVEIRA JÚNIOR, FERREIRA e COIMBRA, 2016, p. 202).

A Gestora também comentou que caso acontecesse o fato de algum aluno sofrer preconceito devido ao seu modelo familiar, a escola faria o seguinte a respeito: “A gente tenta conversar com esse grupo que está agredindo a criança, chamar a atenção e mostrar que não pode ter esse tipo de comportamento com o outro”. Conforme relato da Gestora, ela está certa em adotar esse tipo de encaminhamento, pois segundo Oliveira Júnior, Ferreira e Coimbra (2016, p. 202), “[...] preconceitos, estereótipos e idealizações devem ser reconhecidos e afastados do interior da escola, no que se refere à família, a fim de adequar as relações entre essas duas instituições”.

Esse mesmo questionamento foi feito para a Professora, que explicou: “Essa escola onde trabalho, a diretora é muito compreensiva e ela respeita muito as diferenças. Então, ela nos instruiu, no início, que nós respeitássemos cada um com as suas diferenças”. Observamos, então, que a Professora é instruída pela diretora para ter a mesma postura, que seria a de abordar a criança e ensiná-la a respeitar as diferenças.

Ao responder se a escola já propôs um projeto voltado à inclusão das novas configurações familiares, a Gestora relatou que “Um projeto só para isso não, mas os próprios livros didáticos trazem esses tipos de família”. A Professora simplesmente respondeu que “Não”.

Como se observa nos relatos da educadora, não existem projetos voltados especificamente para as configurações familiares, mas como a própria gestora mencionou, de forma semelhante que uma das mães, os livros didáticos, em sua maioria, já vêm com essas temáticas para serem trabalhadas em sala de aula. Portanto percebe-se que a educação propõe alguns encaminhamentos para ensinar sobre os novos arranjos familiares. Sendo assim, as crianças, desde cedo, já vão percebendo que existem diferenças e que devem respeitar a diversidade de arranjos familiares.

Para finalizar a entrevista, a Gestora, livremente, fez um comentário relevante sobre a realização da pesquisa. Ela assim se expressou:

Eu acho bastante interessante essa pesquisa que você está fazendo, tendo esse olhar nessa questão da criança, porque é interessante a gente estudar e ter realmente um olhar bem atento para esses casos. A única preocupação que a gente tem, é quando chega as comemorações dos Dias das Mães e dos Pais, que a gente tenta passar para que os professores trabalhem nisso, de uma forma a não centralizar só na figura da mãe, ou só da figura do pai, mas trabalhar a família como um todo! Já aconteceu de crianças, nessas datas não quererem fazer lembrancinhas para o pai ou para a mãe, ou de entregar as lembrancinhas para uma colega ou para um professor. Há de ter um olhar diferenciado! (GESTORA).

Trata-se de uma postura interessante da Gestora em se preocupar, principalmente em algumas datas comemorativas, com as crianças que não têm ou não convivem com a presença de um ou de ambos os pais, ou que pertencem a outros modelos de família, que não o nuclear. No entanto Machado e Vestena (2017, p. 11) destacam que os próprios bilhetes, comunicados ou convites da escola para a família são, muitas vezes, especificamente “direcionados ao pai ou a mãe”, como se todos os alunos convivessem com ambos os genitores. Em outras instituições educativas, os panfletos são enviados aos “Senhores pais ou responsáveis” (p. 10), sendo tal modelo entendido como o mais adequado diante da diversidade de configurações familiares existentes na escola. Dessa forma, os bilhetes contribuem para a aproximação participativa das famílias e se caracterizam como “[...] a melhor forma de comunicação, pelo fato de não restringir e não excluir as diferentes formas que compõem a família do educando” (p. 13).

Diante das análises apresentadas, é possível afirmar que a escola precisa entender que, embora a família seja uma peça importante no processo de desenvolvimento integral da criança, ela não é a única responsável pelo sucesso ou pelo fracasso escolar dos seus filhos, e que o bom ou o mau desempenho na escola não depende exclusivamente da configuração familiar. Além do mais, existem outros inúmeros fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que exercem influências no processo de desenvolvimento das crianças.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, percebemos, na sociedade, a existência de diversos tipos de configurações familiares, sendo um deles as famílias monoparentais, que geralmente são chefiadas por mulheres. Sendo assim, mediante a realização da pesquisa, foi destacado que esse tipo de arranjo familiar vem a cada dia tendo mais visibilidade na sociedade e se tornando mais comum entre as pessoas.

Com a pesquisa, foi possível observar que muitas das mães entrevistadas reclamam sobre a dupla jornada de trabalho e o nível de responsabilidade que podem fazer com que elas se sintam sobrecarregadas. Além disso, muitas relatam que o pai é fundamental para uma família mais organizada financeiramente, nesse sentido, nota-se a idealização do modelo nuclear que, para elas, seria a configuração mais pacífica.

Para a escola, essa configuração de família já é algo mais aceito na sociedade e na educação, e esse assunto é trabalhado em sala de aula por meio de livros e assuntos de inclusão.

Diante do estudo realizado, destaca-se que pesquisar sobre as configurações familiares, principalmente o modelo monoparental, se configura como uma temática relevante, tendo em vista que os educadores e a sociedade em geral poderão se apropriar de conhecimentos mais amplos, que poderão contribuir para o respeito em relação às crianças que pertencem a diversos modelos de família.

Por fim, o que se deve fazer em relação à escola e família seria uma parceria, em que ambas tomem atitudes que façam com que o crescimento da pessoa e sua inserção na sociedade sejam mais saudáveis.

REFERÊNCIAS

ARPINI, Dorian Mônica; CÚNICO, Sabrina Daiana. Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. **Aletheia**, p.37-49, jan./ago. 2014.

CONCIANI, Marcos Vinicius De Souza; RODRIGUES, Geraldo Silva. A família socioafetiva: uma visão crítica acerca das novas entidades familiares vinculadas ao afeto. **Revista Intervenção, Estado e Sociedade**, v.2. n.1, p. 112-127. Jul./dez., 2014.

CORREIA, Sônia. Vladimira. A articulação família trabalho em famílias monoparentais masculinas. In.: WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa. (Coord.). **A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades**. Lisboa. PT. Editorial do Ministério da Educação. 2010.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau SC, vol. 2, n. 3. 2008.

DIAS, Maria Berenice. **Família normal?** Disponível em: <[http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/\(cod2_697\)10__familia_normal.pdf](http://www.mariaberenice.com.br/manager/arq/(cod2_697)10__familia_normal.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GODOY, Arlilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaina dos Santos. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 116 - 142, ago./dez. 2017.

MACHADO, Daniele de Almeida; VESTENA, Rosemar de Fátima. Diferentes configurações familiares na escola: Uma reflexão para seu acolhimento. **Itinerarius Reflectionis**. Jateí GO, volume, 13, n.2, p. 1-18, 2017.

MELLO, Juliana Leitão; CAMARANO, Amélia Camarano; KANSO, Solange. **Famílias brasileiras: mudanças e continuidade**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu- MG, p. 17, 20-24 de setembro, 2010.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; FERREIRA, Diego Raone; COIMBRA, Renata Maria. A relação família e escola na aprendizagem escolar: que escola, qual família? **Revista Cultura, Educação e Sociedade**, v. 6, n. 1, p. 192-204. Jan./jun., 2016.

VILHENA, Junia de; SOUZA, Alberto Carneiro Barbosa de; UZIEL, Anna Paula; ZAMORA, Maria Helena; NOVAES, Joana. Que família?: provocações a partir da homoparentalidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 4, p. 1639-1658, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000400014. Acesso em: 28 set. 2020.